

AS NOSSAS MAIORES LOUCURAS...¹

A maior loucura da minha vida... Ah! Depois de vinte e dois anos, quatro meses e quinze dias, essa pergunta finalmente me é feita! Quantos caminhos não trilhados, canções não ouvidas, lixo acumulado na memória, flores encontradas na lata de lixo, cóleras sublimadas e bênçãos esquecidas; tanta dor e prazer, e o resultado de tudo isso caberia na ponta de minha caneta e em vossos ouvidos inalcançáveis! Eis o resultado de minha vida, que seria outra se eu aqui não estivesse... A maior loucura da vida, para sempre perdida em algo que não se lembra, ou que se sabe a metade.

Da mente emergem muitos fatos estranhos, obviamente, e enquanto isso lá fora o menino corre agarrado à saia da mãe, cujos passos carregá-lo-iam para menos longe, se andasse mais aos poucos; um carro freia bruscamente ante a bicicleta emprestada do esportista descuidado, a velocidade instintiva do motorista prorrogara os conceitos do rapaz; a água do lago turva-se ainda mais com o cão de rua que, por um motivo indefinido, resolvera limpar-se; um senhor recurvado grita "Aleluia!" ao ver um bando de pombas pousando lívidas no telhado. Na cidade é assim, movimento em qualquer lado que se olhe, gente andando, gente saindo, batendo vento ou sol a relento.

Mas no campo também é assim, só que lá o movimento é mais piedoso, mais materno... Lá os pontos cardeais mostrariam um ninho de pássaros que foram devorados por uma serpente qualquer; uma nuvem que passa entre mim e o sol, e eu poderia aproveitar para dar um passeio ao meio-dia; uma gralha escondida entre as árvores; um boi parado a filosofar em meio à relva; uma hipérbole de flores e tons momentâneos de cores livres. Mas não só verde... absurdo pensar que lá só exista verde! Diria sim às dissemelhanças caso esses opostos não me fossem nem um pouco conhecidos. Vivendo aqui, vivendo lá, e tentando recordar loucuras entre ambos os caminhos...

¹ **Autoria:** Mauricio de Mello

A maior loucura da minha vida é estar vivo. Estar vivo, e dentro dela, não fora. Quisera eu saber quantos desvarios traguei, enquanto embriagava-me com o líquido das engrenagens do mundo: um desafio à matemática e à mente dos distraídos. O dia faz-se noite, a noite torna-se dia, e poucas auroras e crepúsculos foram, por mim, devidamente saboreados. Há um bicho encarcerado nos recônditos de cada um, e graças a ele podemos manter-nos sãos, mesmo quando a lareira invernal se apaga, o redemoinho desfaz nosso penteado, os gêiseres queimam as expectativas de nossos filhos, e a terra desfaz os ossos de nossos netos. Que loucura há nisso tudo? Que me respondam a ampulheta da sala de estar e o leve sussurro da areia que escoo pelo orifício um tanto apertado; quem poderia silenciar meu coração, acalmar meus ânimos e, ao ver-me abatido, inverter a posição da ampulheta já finda, com eflúvios de compaixão a rasgar o peito, amor.

Amor. Um homem encontra uma mulher e o crime começa a se desatar precocemente, os olhos de ambos são os primeiros a serem mortos; o gato miando do lado de fora já pressentia há muito tempo que a traição lhe viria; o livro desistido guardava nas derradeiras páginas uma mensagem importante; as montanhas, sempre as montanhas ao alto, a única obsessão que deveria se apoderar do âmago dos íntegros e do remorso dos apaixonados! Desapego à ciência, desapego à religião, desapego à arte, desapego à filosofia, eis o desapego de si próprio e o êxtase da razão. Perspectiva.

É lembrando as esquisitices de minha vida que acabo desenterrando os instantes de paz, e também os de anseio. Inexplicável necessidade contornada em linhas inóspitas. Lembrem-se de Plutão, que demora mais de três vidas humanas para fechar o círculo em redor do Sol, ainda que seja imperfeito, o círculo; no entanto nós, que estamos mais perto a oscilar entre dúvidas e certezas, traçamos um círculo tão instável que caímos em translação em torno de nós mesmos. Acreditar ou duvidar, ambos disfarces do fanatismo, mas o Sol não brilhará diferentemente para os dois indivíduos que, sentados ali no banco, absorvem seus raios, mesmo que um deles entenda-o como loucura, e o outro como razão.

Ah!... Que saudades do campo! As estrelas de outono não brilhariam mais lá do que na cidade, sejamos racionais; mas lá elas são as únicas a iluminar as noites da alma, exceto quando há

luar, não me julguem louco... Cada canto de pássaro destituído por meus ouvidos é um passo mecânico a mais que minhas pernas entregam ao duro concreto. No fim, todos temos angústias, algumas inventadas, outras tão fortes que quase são reais. As minhas não são, mas sofro. Sofro na mesma intensidade daquele boi manso que, extático, fascina-se com tanto pasto ao alcance de seus olhos e língua. O que pensaria Tântalo se lhe contassem que o banquete tão cobiçado guardava um veneno mais mortal que a própria morte?

A minha maior loucura é estar vivo, repito-o. É louco, pois sei que existe um altar pendente e sustentado por várias linhas paralelas; é demente, pois sei que na vastidão de um olhar vazio se encontra a absoluta demência de julgar-se racional. O terrível abismo no meio da ponte, será? Todos os metros que separam as aves de rapina da ponte se repetem mais uma vez em sentido contrário; ambos são loucos, e no entanto *sapiens*. Cadê o menino que corria, tê-lo-ia sua mãe tragado ao destino irreversível? O reflexo do sol no fundo do lago esgrime réstias ondulantes na parede nua do prédio, e a criança já não está mais ali para gritar "Aleluia!"; em vez disso o que se ouve é a ladainha incessante das carruagens sem cavalos, que não abandonam a rua, tamanha é a crença que mantêm consigo. Inspiro profundamente o ar cheiroso de presenças e desmaio mais uma vez para dentro da roda do mundo, só o amor deverá rompê-la. Esta é a última volta, prometo; faz-se, então, a vida. Meio-termo.